

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Jornal do Brasil (R.J.) Class.: 345

Data 28 de novembro de 1987 Pg.: _____

AMAZÔNIA

A roupa suja da história

William Waack

CUSTA muito acreditar que o Brasil aprendeu com os erros de sua história após a fascinante leitura de *Amazon Frontier — The Defeat of the Brazilian Indians* (Fronteira Amazônica — A derrota dos índios brasileiros), lançado recentemente em Londres. Nada há essencialmente de novo no que se discute hoje a respeito da exploração de regiões como a Amazônia que já não tivesse sido examinado há mais de 200 anos — com precários resultados acumulados ao longo dos séculos.

Antes de mais nada, o volumoso livro de John Hemming, diretor e secretário da *Royal Geographic Society*, não pretende ser qualquer defesa ou denúncia apaixonada em relação a índios ou governos coloniais, imperiais ou atuais. Trata-se, ao contrário, de uma crônica com atraente ritmo de narrativa, desprovida de lições de moral e interessada, sobretudo, em procurar explicar e entender os motivos dos dois lados.

A derrota das tribos de índios no Brasil é considerada por Hemming "uma das maiores tragédias do envolvimento europeu na América do Sul", mas o autor não está preocupado em denunciar culpados ou lavar a considerável roupa suja histórica. Ele concentrou a descrição do extermínio das populações brasileiras no período que se inicia com a libertação dos índios do controle missionário jesuíta, em 1755, e se estende por aproximadamente século e meio até os esforços do Marechal Rondon. É a fase decisiva na qual a população indígena se reduz de 2,5 para 1 milhão de pessoas, em 1910 (atualmente são 238 mil).

Para o leitor atento que acompanhou nos últimos 15 anos o nutrido noticiário na imprensa sobre conflitos entre a Igreja e as autoridades a respeito de índios encontraria no Marquês de Pombal — o homem que expulsou os jesuítas de Portugal e seus domínios, no século XVIII — o precursor ideal: o "gesto humanitário" de libertar os índios da supervisão dos missionários era antes de tudo parte da estratégia para minar o poder dos padres.

Missionários sempre interessaram às autoridades enquanto ajudaram a explorar novas regiões e "amansaram" tribos ferozes. Foram sempre combatidos quando — e isto não ocorreu muito ao longo do período — trataram de proteger as culturas locais ou evitar que indígenas fossem simplesmente escravizados, um costume que perdurou em algumas regiões da Amazônia até bem dentro do boom da borracha, já no século XX.

A julgar pela excelente narrativa de Hemming, torna-se difícil diferenciar entre bandidos comuns, colonizadores, missionários de diversas tendências, mercenários estrangeiros, mercadores, caçadores de escravos ou exploradores quando o elemento comum entre todos é a forma de encarar e tratar os índios. São raros os personagens históricos com claras manifestações "modernas" de pensamento, isto é, que reconheciam no contato de duas civilizações diferentes a principal causa do desaparecimento dos índios.

Em sua grande maioria, os homens que colonizaram o interior do Brasil pareciam considerar os índios como mais uma espécie de recurso — não renovável, como se veria — natural do qual se poderia fazer uso indiscriminado e extensivo. Com exceção de alguns raros combates nos quais estiveram envolvidos poucas centenas de beligerantes em cada lado, a derrota dos índios ao longo desse século e meio de expansão da fronteira econômica brasileira é uma sucessão de massacres menores do cotidiano — o pequeno assassinato nosso de cada dia. Cachaça, malária, catapora, sífilis e balas de diver-

sos calibres (do revólver à metralhadora) executaram em rápida marcha as principais tribos indígenas. Aculturação e paz firmada com os brancos foram os principais fatores do extermínio. Hemming não cansa de apontar que apenas aqueles "selvagens ferozes", isto é, os que resistiram lutando e recuaram para setores então inacessíveis da floresta amazônica, conseguiram sobreviver e constituem hoje o que resta do patrimônio indígena no Brasil. Os índios que foram supostamente contactados pela primeira vez durante a fúria de abertura de estradas pela Amazônia, na década dos setenta, já haviam mantido contatos preliminares com seu pior inimigo, o homem branco, quase 100 anos antes — e se decidido, sabiamente, por romper qualquer vínculo.

O que torna o livro de John Hemming tão fascinante é o fato de que esses dados históricos, já abordados

da obra está em ligar as observações feitas por antropólogos, particularmente alemães, franceses e ingleses, aos principais fatos políticos e culturais europeus e brasileiros da época.

Nem mesmo o genuíno interesse de alguns idealistas, no começo do século XIX, era positivo no sentido moderno que se emprega ao trabalho com índios. "O indigenista é bem-intencionado: ele acha que o primeiro contato é melhor se vier de alguém com simpatias do que através de uma salva de tiros. Mas ao conquistar a amizade dos índios e persuadi-los a cessar hostilidades, esse suposto benfeitor apenas expõe o território à invasão. A pressão da fronteira é inexorável", escreve Hemming. Um desses idealistas, por exemplo, era José Bonifácio de Andrada.

Um livro publicado em Londres relata em forma de crônica a tragédia secular do extermínio dos povos indígenas brasileiros



Ao longo desses 150 anos houve uma tediosa seqüência de leis e atos do poder público estabelecendo melhores condições de tratamento para índios, demarcação de reservas, proteção etc. Nenhuma delas jamais resistiu aos imperativos da exploração econômica. Especialmente, o ciclo da borracha mostra como a gana de lucro estabeleceu uma pirâmide de exploração em cuja base a população indígena foi literalmente triturada numa espécie de gigantesco moedor de carne humana.

O livro transpira o fascínio que o próprio autor sente por uma região, a Amazônia — embora também o Sul, o Rio, Minas Gerais e Mato Grosso sejam tratados —, que enlouqueceu exploradores ao longo de séculos. Um jovem segundo-tenente, o Conde de Bismarck, foi um dos exploradores do Xingu, em 1842, aos 27 anos de idade. Seu chefe, um príncipe prussiano, só rivalizava em pompa e circunstância com o Barão von Langsdorff, primeiro cônsul de Sua Majestade, o Czar, no Rio.

Langsdorff embrenhou-se na mata em 1927, levando uma namorada loura e enorme séquito. Ele costumava vestir seu uniforme completo de cerimônias e hastear a bandeira russa toda vez que entrava em contato com nova tribo, o que provocava excelente impressão nos chefes índios, por sua vez utilizando todos ornamentos próprios de ocasiões solenes. O Barão passou anos na selva e retornou, ao que se comenta, em estado de confusão mental para a Europa. Seus escritos, considerados extremamente valiosos, continuam impublished no arquivo em Leningrado.

São, porém, índios anônimos e perseguidos os "heróis" do livro de Hemming, se é que se pode falar de qualquer ídolo ao longo de 481 páginas de massacres, doenças, trações (quase sempre por parte dos brancos) e exploração. Uma grande massa de brancos, além de caboclos, mulatos, negros e imigrantes de diversas origens, desfila uma história de massas exploradas de forma desumana, movendo por interesses ou forças muito acima de sua limitada consciência ou compreensão dos fatos.

exaustivamente em prateleiras de literatura especializada (em antropologia ou não), são transmitidos em linguagem simples e de maneira altamente personalizada. A principal, talvez única fonte que restou a Hemming foram as longas narrativas feitas por viajantes e exploradores do interior do Brasil, particularmente depois da vinda da Corte portuguesa para o Rio, em 1808. Talvez um de seus maiores méritos resida, justamente, na habilidade de resgatar desses relatos a face de seus protagonistas e sua forma de sentir e agir.

Amazon Frontier, nesse sentido, é um elucidativo passeio pela floresta de preconceitos e falsas teorias européias a respeito do homem da selva e suas às vezes complexas formas de organização social. Outro mérito

É importante notar que Hemming não se empenha em criticar diretamente ou denunciar qualquer figura histórica ou da atualidade. Diante do que considera "irreversível catástrofe demográfica" brasileira, o autor se reserva prestar algum tributo aos derrotados apenas nas linhas finais do trabalho (executado, aliás, com a colaboração de grande número de indigenistas, especialistas e instituições brasileiras). Ele acha "admirável" a reação de tantas tribos diferentes: "A rejeição dos novos valores oferecidos ou impostos, por sua convicção de que suas formas antigas e comprovadas eram melhores para eles (os índios) e mais apropriadas para a terra onde viviam."